
Nota:

Recorte do Jornal de Campinas

Matéria publicada na edição de 04 de agosto de 1959

Autor: Alberto Amendola Heinzl



4/8/1959



alberto amendola heinzl

GRUPO VANGUARDA

Admiraram-se artistas e críticos de São Paulo, pelo fato de um grupo integrado por elementos de tendências heterogêneas e até discordantes, ter conseguido, não somente subsistir, mas modificar preconceitos a respeito da chamada arte de província, impondo sua presença nas atividades artísticas nacionais, afirmando uma atitude atual e atuante, embora tenha surgido num clima "fase heroica", baseando sua quase intromissão no cenário da província num superado mas necessário anti-academicismo, fator, aliás, responsável pela coesão do grupo, que o adotou como denominador comum.

Não é difícil ver porque e como isso aconteceu. A parte das qualidades individuais, sem o que seria impossível qualquer progresso, contaram os membros do Grupo Vanguarda com o incentivo de um imperativo de sobrevivência; antes do GV exposições de arte moderna eram difíceis, não havia cobertura para as atividades artísticas, as mostras surgiam esparsas despertando curiosidade, nada mais. Desse modo, os artistas sentiam-se cada vez mais insulados, era uma temeridade e mesmo um esforço sem prêmio o fazer alguma coisa nessas condições.

A união dos artistas em torno de um denominador comum, com o Jornal do Centro de Ciências, Letras e Artes e as páginas literárias dos jornais de Campinas dando ampla cobertura ao movimento, possibilitou a cristalização de uma ideia, que não pode mais ser subestimada, nem ignorada, pelos que usavam do indiferentismo para manterem uma posição de comoda ambigüidade.

Iremos mais longe, afirmando que, não fosse o grupo, criando condições favoráveis a uma evolução e, inclusive, uma mentalidade crítica interna para sanar a inexistência de interesses participantes, não teríamos, pelo menos tão cedo, a projeção que tivemos, com artistas nossos participando de mostras importantes — destacando-se a V Bienal e o VIII Salão Paulista de Arte Moderna — e muito mais tempo seria necessário esperar para obter condições de igualdade — reconhecidas como tal — do trabalho de nossos artistas, com o que se faz de mais atual em arte no Brasil e no mundo.

Na última Exposição de Arte Contemporânea, inclusive, Waldemar Cordeiro, depois de ver e analisar detidamente as obras expostas, concluiu que o nível da mostra não ficava a dever nada ao de realizações semelhantes em todo o mundo. Cessou pois, o preconceito de arte provinciana, e no setor artístico, a sentida depreciativo da palavra província. Não há mais razão para que se permaneça numa fase heroica. Também, o Grupo Vanguarda não reivindica um monopólio da Arte em Campinas, a soma de seus valores individuais produziu um valor novo, e esse valor é a maior e mais eficiente qualidade do Grupo. Parecia impossível, principalmente aos artistas da Capital, que um grupo que só tem em comum o desejo de fazer arte atual, abrigando tendências diferentes, pudesse conseguir, em tão pouco tempo, e com um mínimo de dissidências (houve duas: uma por questões particulares, um membro do Grupo achou-se prejudicado em suas relações, de amizade com os meios de divulgação locais; a segunda, apenas, foi por divergência ideológica), figurar como genuína expressão de uma arte jovem e despida de preconceitos, numa evolução cada vez mais atuante e cada vez mais inegável.